



Miguilim

revista eletrônica do netli
volume 6, número 2, Maio-Ago. 2017

AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O CONTRIBUTO DE BAKHTIN NO ENSINO DE GRAMÁTICA



THE CONCEPTIONS OF LANGUAGE AND THE CONTRIBUTION OF BAKHTIN IN THE TEACHING OF GRAMMAR

Luana Pinheiro SOUZA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 22/04/2017 • APROVADO EM 12/09/2017

Abstract

The pedagogical practices in grammar teaching maintain a direct connection with the conception of language that each individual possesses as a teacher. Based on this principle the present article proposes to emphasize the merits that the conceptions of language have when being considered as base and starting point in the definition of methodologies of teaching/learning of grammar. Several authors have already discussed the relationship between language conception and its value for teaching, so this work will have as theoretical support the contributions given by the reflections of Bakhtin (2006, 2011, 2013), Travaglia (2002, 2004), Geraldi (1997), Possenti (1996), Antunes (2007), among others, for the teaching/learning process of school grammar, in order to elucidate the importance of the individual as a social

being in the way the grammar is approached and the impact that this approach can have on language teaching/learning.

Resumo

As práticas pedagógicas no ensino de gramática mantêm uma ligação direta com a concepção de linguagem que cada indivíduo possui enquanto professor. Partindo desse princípio, o presente artigo intenta discutir o mérito que as concepções de linguagem têm ao serem consideradas como base e ponto de partida na definição de metodologias do ensino de gramática. Diversos autores debatem sobre a relação entre concepção de linguagem e seu valor para o ensino, de modo que este trabalho terá como fundamentação teórica as contribuições dadas pelas reflexões de Bakhtin (2006, 2011, 2013), Travaglia (2002, 2004), Geraldi (1997), Possenti (1996), Antunes (2007), entre outros, para o ensino da gramática escolar. Faz-se necessário ressaltar que a aprendizagem da linguagem está intrinsecamente ligada à abordagem escolhida pelo professor para o ensino de gramática.

Entradas para indexação

Keywords: Conceptions of language. Grammar teaching. Bakhtin.

Palavras-chave: Concepções de linguagem. Ensino de gramática. Bakhtin.

Texto integral

Diversos estudos linguísticos proporcionaram discussões importantes sobre o ensino da língua materna¹ bem como reflexões acerca do trabalho realizado em sala de aula no que diz respeito ao ensino/aprendizagem de gramática. Desta perspectiva muito se tem questionado. Afinal a gramática deve ou não ser ensinada? Como solucionar as dificuldades dos alunos em relação à gramática? À vista disso, e apesar de todos os trabalhos desenvolvidos e das formações continuadas, essa permanece sendo a questão central para alguns professores: ensinar ou não ensinar a gramática e como fazê-lo. Assim sendo, alguns docentes tendem a estereotipar (intencionalmente ou não) a gramática como uma matéria de conteúdo difícil e de cunho obrigatório, o que, muitas vezes, configura-se como uma prática pedagógica de estudo pouco apreciada pelos alunos.

É preciso perceber que,

Quando um professor se queixa de que “os alunos chegam ao ensino fundamental e não conhecem as regras de ‘gramática’”, evidentemente, está se referindo a uma outra gramática, fora dessa primeira aceção, pois esta já se encontra consolidada e pelo resto da vida. Quando outro professor fala na “obrigatoriedade do uso da

gramática” também está falando de outra gramática. É que, nesse primeiro sentido, não se trata de obrigatoriedade. A gramática é constituída de língua, quer dizer: faz a língua ser o que é. Nunca pode ser uma questão de escolha, algo que pode ser ou deixar de ser obrigatório. Simplesmente é, faz parte. Nem requer ensino formal. (ANTUNES, 2007, p. 27).

Em consequência disso, muitos dos fracassos nas aulas vão desde as apreensões do professor sobre como tornar suas aulas significativas até em como desenvolver metodologias de ensino que, de fato, produzam conhecimento linguístico e que desconstruam a ideia de que a Língua Portuguesa é uma matéria difícil e monótona.

Hoje em dia, o que se nota entre a classe docente é certa inquietude no que tange aos métodos de ensino em sala de aula e em como fazer para não cair na tradição da gramática exclusivamente normativa, uma vez que alguns professores acreditam que não se deve ensinar gramática, outros, por outro lado, buscam trabalhar os conhecimentos gramaticais tendo o texto como base, e há ainda aqueles que preferem ensinar a gramática na sua vertente interacionista. Todavia, independentemente de qual seja o método abordado pelo professor para trabalhar a gramática em sala de aula, é imprescindível dizer que o ensino de gramática é primordial para auxiliar o usuário no conhecimento de sua língua materna, pois, como refere Antunes, “não tem fundamento a orientação de que ‘não é para ensinar gramática’. Não é para ensinar apenas gramática” (ANTUNES, 2007, p. 65).

Durante vários anos as práticas de ensino de gramática estiveram relacionadas à concepção de linguagem enquanto instrumento de comunicação ou expressão do pensamento por meio de atividades que contemplam o ensino dos aspectos morfológicos, sintáticos, lexicais e semânticos; e, de forma mecânica e displicente, o aluno era levado a “decorar a matéria para a prova”. Foi essa prática que passou a equivocada imagem de que o professor de gramática é intransigente e a matéria, chata e cansativa. E foi também, durante muito tempo, que os professores persistiram em uma didática arcaica, pautada na gramática puramente prescritiva, utilizando-se de métodos substancialmente teóricos, sem sentido algum na vida cotidiana dos alunos, que, por sua vez, não conseguiam estabelecer relação alguma entre teoria gramatical e prática de texto.

À vista disso, faz-se necessário entender que,

Em síntese, a gramática da língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de se ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinados ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, **essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua**. A escola virá depois; para ampliar. (ANTUNES, 2007, p. 29, grifo nosso).

Partindo dessa perspectiva, é essencial que o professor tenha entendimento das concepções de linguagem e de mundo, de modo a adequá-las e relacioná-las da melhor maneira possível ao ensino gramatical, pois, como postula Travaglia (2002), é o modo como o professor de língua entende e interpreta a linguagem que vai definir sua forma de trabalhar a gramática em sala de aula. Para tanto, Geraldini, Travaglia e outros autores apontam que há três meios de se compreender a linguagem: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma ou processo de interação. É a maneira como essas concepções são abordadas que vai dar suporte à prática docente e determinar o modo como o ensino de gramática será efetivado, dando sentido ao trabalho do professor.

Além das contribuições de Travaglia para o ensino/aprendizagem da linguagem, o presente trabalho considerará também as reflexões fundamentais de Bakhtin (2006, 2011, 2013) que proporcionam uma base filosófica para o trabalho pedagógico do professor, pois a essência da filosofia bakhtiniana foca no entendimento do homem de uma maneira ampla, na dimensão de suas relações sociais, agregando-se às experiências obtidas e à interação desses conhecimentos. As reflexões de Bakhtin podem justificar um trabalho vantajoso com a gramática na escola, pois põem a interação como foco da preocupação pedagógica com a linguagem e, assim, apontam a utilidade de a reflexão sobre a normatividade da gramática vir a ser papel do uso concreto da linguagem, da interlocução e não de um saber sobre a linguagem.

O método proposto para este estudo surge de uma revisão bibliográfica dos conceitos difundidos por Travaglia a respeito das concepções de linguagem e, ainda, dos princípios filosóficos de Bakhtin que perpassam pelos conceitos de discurso, interação e dialogismo difundidos por ele e com grande relevância para os estudos da linguagem. Dessa forma, torna-se possível um trabalho mais significativo sobre a gramática como modo de se atingir o diálogo vivo e fundamental para a vida em sociedade. Busca-se, neste artigo, discorrer sobre os modos de se ensinar a gramática como auxiliadora da interação social. A metodologia será composta de um estudo bibliográfico, sobre a relação entre as concepções de linguagem e o ensino da gramática e ainda a contribuição de Bakhtin nos princípios pedagógicos para o ensino da gramática à luz de suas reflexões sobre linguagem, interação e dialogismo. Recorte bibliográfico pautado, majoritariamente, em sua obra '*Questões de estilística no ensino da língua*'.

Almeja-se com este trabalho apresentar uma contribuição positiva para o ensino de língua materna, através de uma perspectiva que proporcione uma maior interação entre professor e educando e um melhor aproveitamento no ensino da gramática.

LINGUAGEM: CONCEPÇÕES, GRAMÁTICAS E ENSINO

Presume-se que a ideia que se tem daquilo que é linguagem seja fundamental para a prática docente. E por isso, Travaglia (2002, p. 21) admite que a maneira como se compreende “a natureza fundamental da língua altera em muito o como se

estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação.” De acordo com essa ideia, para poder ensinar a língua materna é necessário conhecer as diferentes concepções de linguagem.

LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO

Essa primeira concepção de linguagem como expressão do pensamento procura explicar a linguagem a partir das condições psíquicas particulares do sujeito falante. Alicerça-se na enunciação monológica como meio para sua reflexão acerca da linguagem e se apresenta como ato puramente individual, ou seja, o ato de fala, a enunciação, forma-se na psique do indivíduo e exterioriza-se, objetivamente, para o outro através de algum código de signos exteriores (BAKHTIN, 2006). Segundo Travaglia, o fenômeno linguístico é resumido a um ato exclusivamente racional, “a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece” (TRAVAGLIA, 2002, p. 21).

A linguagem se forma no interior. Portanto, sua exteriorização é apenas uma tradução. É uma atividade mental que edifica a expressão, moldando e propiciando sua orientação. Nas palavras de Bakhtin, “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina a sua orientação” (BAKHTIN, 2006, p. 114, grifos do autor). Dessa maneira, a língua é tida como um sistema estável e inerte (léxico, gramática, fonética), o que significa dizer que a linguagem é uma faculdade inata, uma vez que o homem já nasce com a capacidade de expressar seu pensamento que, por sua vez, é construído na sua mente. A exteriorização desse pensamento dependerá da capacidade de cada indivíduo para organizá-lo. De modo que, se um indivíduo não é capaz de fazer uma organização lógica de seu pensamento, sua linguagem será desarticulada, desestruturada. Assim, se um sujeito não consegue se expressar com racionalidade, conseqüentemente não é capaz de pensar. Portanto, assume-se que há normas que precisam ser seguidas para se atingir uma ordem coerente do pensamento e, é claro, da linguagem.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento se refere aos estudos tradicionais, no qual o ensino da gramática é pautado em um conjunto de regras que deve ser seguido por aqueles que querem falar e escrever corretamente. De maneira que a língua é concebida uniformemente, ou seja, com uma única variedade, que é denominada como norma padrão, e que deve ser seguida por todos os falantes de uma determinada língua. Outras variedades de falar e escrever que não estejam dentro das regras da forma padrão são consideradas erradas. Portanto, a gramática estruturada nessa concepção de linguagem deixa de lado qualquer variedade da língua oral ou escrita e, como já referido anteriormente, tudo aquilo que não faz parte do modelo padrão é tido como vício de linguagem, como um desvio, e o que foge à norma deve ser considerado erro e, conseqüentemente, corrigido. Essa perspectiva fundamentada na noção de ‘certo e errado’ é atribuída à gramática essencialmente normativa, que nas palavras de Travaglia é

Aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira. (TRAVAGLIA, 2004, p. 30).

Na esfera da gramática tida como padrão, como única e definitiva, as práticas pedagógicas adotadas para o ensino baseiam-se em uma exploração da gramática de forma fragmentada e arbitrária, na qual os tópicos gramaticais podem ser apresentados como fragmentos não possuindo nenhum critério de ordem que determine qual deverá vir antes ou depois.

Um dos objetivos da gramática normativa é ensinar os alunos a substituir construções linguísticas consideradas erradas por outras consideradas corretas. Este tipo de ensino tem o intuito de persuadir o aluno a se adequar àqueles padrões normativos, levando-os a crer que tudo o que não esteja de acordo com esse padrão é errado e, portanto, não deve ser aprendido. A língua escrita predomina sobre a língua falada, logo, a literatura clássica e os cânones gramaticais são modelos a serem seguidos. Os exercícios dessa gramática se baseiam no estudo das regras, das definições, das classificações dos fatos gramaticais; propondo um conjunto de atividades desassociadas umas das outras e que meramente se somam e se acumulam, desconsiderando quaisquer experiências dos alunos e qualquer processo de interação verbal.

Linguagem como instrumento de comunicação

Nessa concepção todos os fatos da língua situam-se no sistema linguístico das formas fonéticas, gramaticais e lexicais. De acordo com Geraldi (1997, p. 41), essa concepção de linguagem está relacionada à Teoria da Comunicação, que considera a língua como um sistema estruturado de signos que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Ou seja, a língua é um conjunto de sinais, um código, que através de determinadas regras, permite o emissor transmitir uma determinada mensagem ao receptor. Porém, essa comunicação só se estabelece quando o emissor e o receptor dominam o mesmo código, o mesmo conjunto de signos, que é utilizado de forma convencional e predeterminada. E é devido a esse conjunto de signos preestabelecidos na língua que Bakhtin, criticando esta concepção de linguagem, afirma que para os teóricos desta corrente de pensamento:

[...] o sistema linguístico [...] é completamente independente de todo ato de criação individual, de toda intenção ou desígnio. [...] A

língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal. (BAKHTIN, 2006, p. 78).

Os estudos da linguagem estão limitados ao processo interno de estruturação do código. Priorizando a forma, a característica material da língua e as relações que integram o seu sistema como um todo, deixando de parte o conteúdo, a significação e os elementos extralinguísticos. Dentro desse conceito destacam-se importantes nomes que fundamentam os estudos da linguagem, como Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), considerado o pai do *Estruturalismo Linguístico*, e Noam Chomsky (1928 – até o presente), criador da *Gramática Gerativa*. Esses dois teóricos estruturalistas privilegiaram, em suas perspectivas, o aspecto individual da língua e a sua estrutura interna deixando à parte o aspecto social, as situações de uso concreto e real. Sendo assim, para esses estudiosos o sistema linguístico não possui interlocutores apenas emissores e receptores, codificadores e decodificadores. Assim como expõe Travaglia:

Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização – na fala (cf. Saussure) ou no desempenho (cf. Chomsky). Isso fez com que a Linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista – que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua – e que separa o homem no seu contexto social. (TRAVAGLIA, 2002, p. 22).

O ensino gramatical que se baseia na linguagem como instrumento de comunicação tem a sua metodologia voltada para os exercícios da estrutura morfossintática, que visam a internalização de hábitos linguísticos característicos da norma padrão. Essa gramática é denominada descritiva, pois tem, como o próprio nome indica, a função de descrever e explicar a estrutura e o funcionamento da língua, sendo capaz de distinguir nas expressões da língua suas categorias, funções e relações, descrevendo a sua estrutura interna e avaliando as suas regularidades. O professor que tem sua didática baseada nessa concepção de linguagem busca ensinar a gramática fora do contexto histórico-social e estuda-a dentro da homogeneidade do sistema linguístico.

O ensino pautado na gramática descritiva intenta evidenciar o funcionamento da língua através da descrição das relações que se estabelecem entre os elementos do sistema linguístico, e o modo como esses elementos se organizam dentro desse sistema. Portanto, os exercícios são de caráter estrutural visando à automatização da língua para sua utilização.

LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO

A linguagem como forma ou processo de interação é aquela na qual o indivíduo pode produzir, exercer, agir, atuar e realizar ações através da linguagem, que não é vista somente como um elemento de exteriorização do pensamento ou transmissor de informações. Nesta perspectiva a linguagem é assumida em sua dimensão histórica e social, em que o homem e a linguagem são indissociáveis. Desse modo, reconhece-se o caráter ideológico da linguagem que se configura como meio de ação entre os seres humanos, dando condições para a produção do enunciado e do discurso. É sob essa perspectiva que Bakhtin (2006, p.115) descreve a linguagem como uma “ponte lançada entre o homem e o outro homem” e que através da palavra o homem se define em relação ao outro e à coletividade.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o **indicador** mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN 2006, p.40, grifo do autor).

Essa concepção da linguagem é contrária às vertentes conservadoras da língua que a entendem como instrumento independente, sem levar em consideração a história ou a sociedade. A linguagem como processo de interação contempla as relações sociais, dá lugar à interação humana e tem no cerne de suas considerações o sujeito da linguagem, a natureza social, a produção do discurso, as relações de sentido entre os interlocutores, as intenções, as ideologias, a historicidade. A linguagem se dá através da interação comunicativa permeada pela produção de sentido entre interlocutores em determinada situação que, por sua vez, está inserida em um dado contexto social, histórico e ideológico, visto que os sujeitos interlocutores ocupam posições sociais. Assim, nas palavras de Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da **interação verbal**, realizada através da **enunciação** ou das **enunciações**. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125, grifo do autor).

Só se torna possível explicar e compreender a comunicação verbal através das relações concretas de interação e no contexto extralinguístico. Portanto, o cenário extralinguístico é primordial, visto que é através da interação que a linguagem se estabelece, estando sempre relacionada a outros fatores sociais.

A gramática baseada na concepção de linguagem como processo de interação, conhecida também como gramática internalizada, não corrobora com a ideia de erro linguístico. O que ela pondera são as inadequações da linguagem prescritas nas

regras sociais impostas para uma ou outra situação de fala. Essa concepção de linguagem considera todas as variedades linguísticas como boas e corretas, já que funcionam de acordo com as normas estabelecidas pelas próprias comunidades que as falam.

Os fundamentos da gramática internalizada pressupõem uma interação entre os usuários da língua que nasce da atividade social e assim como refere Franchi:

Somente pode reproduzir-se, na escola, se esta se tornar um espaço de rica interação social que, mais do que mera simulação de ambientes de comunicação, pressuponha o diálogo, a conversa, a permuta, a contradição, o apoio recíproco, a constituição de interlocutores reais do professor e seus alunos e dos alunos entre si. Em outros termos, há que se criarem as condições para o exercício do "saber linguístico" das crianças, dessa "gramática" que interiorizaram no intercâmbio verbal com os adultos e seus colegas. (FRANCHI, 1991, p. 35).

Portanto, a linguagem se caracteriza como um reflexo das relações sociais, logo, é necessário analisar a língua em situações concretas de interação. Pois são nessas situações concretas de interação que se pode perceber as diferenças de sentido entre uma forma de expressão e outra. Essas formas de expressão, esses sentidos, irão variar de acordo com o contexto e com o objetivo específico da enunciação. Ou seja, o locutor irá construir seu discurso atendendo às suas necessidades enunciativas, optando por formas linguísticas que possibilitem que seu enunciado se adeque a um dado contexto.

O método de ensino baseado na concepção de linguagem como processo de interação não tem como objetivo modificar normas, padrões ou valores que o aluno já adquiriu. A intenção deste método de ensino é trabalhar as aptidões de modo a expandi-las, para que o aluno possa ter acesso a todas as potencialidades da língua, utilizando-a de modo apropriado. Buscando fornecer ao aluno a chance de aprender diversas variedades da língua ajustadas aos mais diversificados contextos.

Este tipo de ensino tem como principal meta proporcionar ao aluno o contato com situações concretas de uso da língua, pois é nessa amplitude das formas linguísticas que está o foco desta prática pedagógica. O fato de não haver uma noção de certo e errado faz com que esta metodologia de ensino vise salientar aquilo que é mais apropriado e eficaz para determinada situação e contexto. Portanto, a linguagem é entendida como produção, resultado da atividade coletiva dos indivíduos e das ocasiões.

A LINGUAGEM POR BAKHTIN

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu em Oriol, pequena cidade ao sul de Moscou, no ano de 1895, no seio de uma família aristocrata empobrecida. Durante a

juventude estudou na Universidade de São Petersburgo no Departamento de Letras Clássicas, onde se formou em História e Filologia. Bakhtin apoiou a Revolução de 1917 e nos anos de 1918 a 1920 foi professor em Nevel, onde constituiu um círculo de amizade que, mais tarde, se ampliou e ficou conhecido como o *Círculo de Bakhtin*.

Apenas no ano de 1965 Bakhtin ganha renome mundial após lhe ter sido negado, em 1952, o título de doutor, com sua tese intitulada *Rabelais e a cultura popular*, por um Comitê do Instituto Gorki. Permaneceu como professor de Literatura e chefe do Departamento de Estudos Literários no Instituto Pedagógico de Saransk, mais tarde elevado a Universidade Estatal da Mordóvia, até o ano de sua aposentadoria em 1961, vindo a falecer devido a problemas de saúde em 1975, na região de Moscou.

Bakhtin é um dos maiores e mais notáveis filósofos da linguagem dos tempos modernos, suas teorias tiveram contribuições fundamentais no modo como se estuda o fenômeno da linguagem atualmente. Suas obras servem de base aos mais diversos estudos e pesquisas no campo da filosofia da linguagem e da teoria literária. Já no final da década de 1920, Bakhtin discute em seus textos o conceito de polifonia no romance de Dostoiévski.²

Bakhtin é reconhecido como um pensador original e instigante que buscou, durante a vida, fazer reflexões acerca de questões filosóficas e da teoria literária, reflexões tais capazes de proporcionar pesquisas nos mais variados campos da cultura. O autor deixa claro no conjunto de suas obras a sua grandiosa capacidade de pensar a existência humana de maneira singular. E põe, no eixo de seus estudos, a significação do discurso e as formas de produção de sentido.

Sua concepção dialógica da linguagem é fundamental para o entendimento dos sistemas de signos e para a sociedade ocidental como um todo. Portanto, pode-se afirmar que os estudos da linguagem hoje em dia são influenciados de maneira inevitável pelas reflexões desse distinto pensador. Entre as mais importantes contribuições bakhtinianas para os estudos da linguagem está sua afirmação em relação à enunciação, que diz que o sentido de um enunciado se constitui não apenas pelos seus aspectos exclusivamente linguísticos, mas também, e principalmente, pela relação que este mantém com o contexto extralinguístico. Isto é, a relação existente entre o enunciado e os fatores sociais, culturais, históricos e ideológicos de sua produção. Pois, segundo o autor, nenhum discurso é individual, visto que se constrói através das relações entre os seres sociais, na qual todos os discursos mantêm uma ampla e ininterrupta interação.

O contributo de Bakhtin é visível não só no âmbito da filosofia da linguagem como um todo, mas também em aspectos mais específicos como é o caso da produção textual no ambiente escolar. Embora em seus escritos não haja uma delimitação explícita do conceito de texto, ele defende uma noção de linguagem em que toda palavra, todo texto, toda enunciação, possui a característica da duplicidade, na qual a presença do outro é indispensável. Como o homem se constitui na concretude de suas relações sociais, pode-se afirmar que é através da fala do outro, com quem se compartilha conhecimentos, que é possível organizar as ideias, tirando o melhor proveito delas e produzindo novas ideias. Em outras palavras, é partindo da interação que tudo se desenvolve, onde um saber se constrói por outro. E é nessa

interação que a palavra se estabelece como signo ideológico e que se transforma e adquire diversos significados, de acordo com o cenário em que ela surge.

Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo absolutamente precisos. [...] O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão altamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso ao qual termina com a transmissão da palavra ao outro. [...] Essa alternância dos sujeitos do discurso que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias. [...] O diálogo é a forma clássica da comunicação discursiva. (BAKHTIN 2011, p. 274-275).

As ideias desenvolvidas por Bakhtin buscam mostrar aos professores que ensinam gramática que estudar de maneira isolada a palavra na morfologia gramatical não tem sentido algum se não levar em consideração que todas as palavras mantêm entre si um diálogo fundamental e que uma só tem existência com base nas outras. À vista disso, o que é preciso perceber é que o ensino da gramática precisa ser baseado em situações que fazem parte da vida cotidiana dos falantes, em situações de enunciados concretos e não na análise morfológica ou sintática das frases e das palavras que os constituem. Não tem interesse algum ao locutor, no momento em que produz o seu enunciado, debater ou analisar o gênero e o número de uma palavra qualquer, como *democracia*, por exemplo. Ter o conhecimento e a noção de que *democracia* é um substantivo feminino que está no singular importa apenas à construção gramatical da frase, mais relevante do que isso é ter noção do potencial significativo dessa palavra.

De acordo com as convicções de Bakhtin, o real nos é apresentado através da linguagem. A linguagem é a ponte de acesso à realidade. Todo e qualquer objeto do mundo, seja ele interior seja exterior, é perpassado pelo discurso do outro. Por isso, não se deve confundir morfologia, fonética e sintaxe com dialogismo, pois as unidades da língua por si só não são dialógicas. Os enunciados que são as unidades concretas da comunicação se constituem como as unidades da língua.

As concepções de Bakhtin levam a crer que o ensino de gramática pode adquirir uma nova configuração se o professor levar em conta que a palavra, a frase, a oração, podem e precisam ser ensinadas e debatidas por meio de exercícios nos quais os alunos percebam que elas só ganham vida dentro dos enunciados. A frase,

a oração e o período só ganham sentido quando são assumidos por um locutor de um lado e por um interlocutor do outro, ou seja, é apenas aí que se caracterizam como enunciados, carregados de valores, que fazem parte da infinita teia dialógica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou discutir as concepções de linguagem levando em consideração a importância que estas assumem no tocante ao ensino de gramática em sala de aula, pois é através delas que irá se adotar um ou outro método de ensino. Foi possível perceber que essas concepções e as teorias relacionadas à linguagem possuem um papel crucial no trabalho com o ensino da gramática no ambiente escolar.

É papel do professor adotar uma prática pedagógica que o possibilite desenvolver uma metodologia de ensino que realmente lhe pareça produtiva para atender às necessidades de seus alunos. É certo que muitos professores ainda resistem a mudanças e se apegam a práticas arcaicas. Porém, novas propostas de ensino baseadas na linguagem como processo de interação estão sendo incorporadas aos planos de curso das escolas e inúmeros professores têm aderido ao ensino da gramática na sua vertente interacionista, que como foi debatido ao longo deste artigo, revelou ser a forma mais proveitosa de se ensinar a língua: através da interação, do discurso, do dialogismo e das construções de sentido que permeiam a linguagem em todos os seus aspectos.

As reflexões de Bakhtin sobre a linguagem são primordiais para fundamentar um trabalho produtivo e eficiente em relação ao ensino da gramática, isso põe o ensino gramatical ao encargo do aperfeiçoamento da capacidade de interação sociodiscursiva do aluno.

Notas

¹ A língua materna representa, frequentemente, a origem e é usada, na maior parte das vezes, no cotidiano. A Língua Materna (L1) não é obrigatoriamente a primeira língua que se aprende, nem necessariamente a língua da mãe. E pode se referir a mais de uma língua, uma vez que é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos nossos pais. Todavia, a língua da comunidade pode não ser a mesma língua dos pais, e, ao aprender as duas, o sujeito passa a ter mais de uma L1, que é o que chamamos de bilinguismo. De modo que, uma criança pode adquirir uma língua que não é aquela utilizada em casa, e, nesse caso, ambas se assumem como língua materna.

² Fonte: BAKHTIN, M. M. Questões de estilística no ensino da língua. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotchvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotchvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo Gramática? In: LOPES, H. V. et al (Org.). **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo, Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W. & CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, v. 1, 1997. p. 17-24.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** 1ª ed. Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2004.

Para citar este artigo

SOUZA, Luana Pinheiro. As concepções de linguagem e o contributo de Bakhtin no ensino de gramática. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 338-350, maio-ago. 2017.

A autora

Luana Pinheiro Souza é graduada em letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA).